

***Instituto
Pesquisas de***



OPINIÃO

***Pesquisa • Planejamento
Consultoria • Assessoria***

As principais linhas de estudos sociológicos sobre a violência no Brasil

- 1º) a discussão sobre o que é violência e os seus principais planos e significados, procurando apontar os males a serem combatidos tendo em vista a conotação negativa que a palavra carrega;
- 2º) as imagens ou representações sociais do crime e da violência e o medo da população, muitas vezes apresentada como irracionalmente envenenada pela mídia que manipularia o seu sentimento de insegurança através do exagero ou da excessiva exposição de notícias sobre crimes;
- 3º) contar as vítimas e os crimes, ou seja, contar, na dupla denotação do termo, os números e os sentidos da vitimização ou criminalidade violenta, discriminada por gênero, idade ou cor...
- 4º) a procura de explicações para o aumento da violência ou da criminalidade com enfoque na relação entre a pobreza, violência e crime organizado;
- 5º) O problema social da criminalidade como tema de política pública, seja com o controle da criminalidade via: a) macropolíticas sociais/ autonomia da política de segurança pública e b) militarização da segurança.

A associação entre a pobreza e a criminalidade

- Com a urbanização/ industrialização das cidades um grande contingente populacional fica concentrado na periferia dos grandes centros urbanos, carentes do controle social da família, da comunidade ou da religião, expostos tanto a novos comportamentos e aspirações quanto à extrema pobreza e desorganização social;
- Este quadro é agravado pela fragmentação da unidade familiar e pela fragilidade das redes de solidariedade e cooperação, ou seja, pela escassez do sentimento de comunidade.
- Aliados a baixa qualidade de vida fatores como a miséria, os problemas de saúde, de moradia digna e de desemprego encontram-se taxas crescentes de criminalidade. Em alguns casos a criminalidade e/ou, principalmente, a convivência com ela passa a ser uma forma de sobrevivência ou de mobilidade social;
- Por estarem a margem da sociedade os pobres sofrem mais com a criminalidade violenta e, paralelamente, o seu maior temor gira em torno de atentados contra a vida.

A desigualdade social e a violência: o paradoxo dos excluídos X incluídos

- **Os Excluídos**

A sua preocupação básica é:

Condições básicas de
subsistência (alimentação);
de moradia; de
saúde e higiene.

De manutenção da vida.

Estão mais sujeitos:

Códigos morais de uma ordem
paralela ao Estado

- **Os Incluídos**

A sua preocupação básica é:

Educação, Informação e novas
tecnologias; aquisição de
novos bens de consumo
duráveis; mais bens materiais.

Manutenção do padrão de vida.

Estão mais sujeitos:

Aos aparelhos ideológicos e
repressivos do Estado

O controle social dos “chefes do crime”

- Os traficantes/ bandidos exercem nas comunidades pobres uma relação de poder baseado na persuasão, influência ou até na legitimidade. A afirmação de poder é legitimada por uma norma social que confere aos “chefes/ líderes do crime” o controle social, tendo em vista que utilizam a violência como um dispositivo de controle.
- As relações destes “chefes do crime” com a vizinhança lesam qualquer direito a vida e a propriedade assegurados pela Constituição, as interações sociais entre estes grupos sociais seguem códigos morais próprios.
- A relação de poder configura uma relação social inegociável porque atinge no limite as condições de sobrevivência material ou simbólica daqueles que são atingidos pelo agente da violência.

A fonte de recrutamento de “mão-de-obra”

- Como os jovens/ adolescentes, em especial os de baixo poder aquisitivo, estão em plena fase de fortalecimento da identidade masculina “aprendem” rápido as regras do “jogo” ditadas pelos “chefes do crime” e passam a viver em permanente contato e/ou em constante fuga.
- Os jovens pobres são fonte de recrutamento do crime negócio ou do crime organizado. Os jovens começam como usuários de drogas, são levados a roubar, a assaltar e até a matar para saldar dívidas ou ameaças de morte.
- Cada vez mais os jovens de todos os estratos sociais incorporam práticas sociais que os tornam predadores do próximo.
- O jovens e, em especial os jovens pobres são, ao mesmo tempo, autores e vítimas de violência e criminalidade.

O “crime negócio”

O crime negócio concentra-se basicamente:

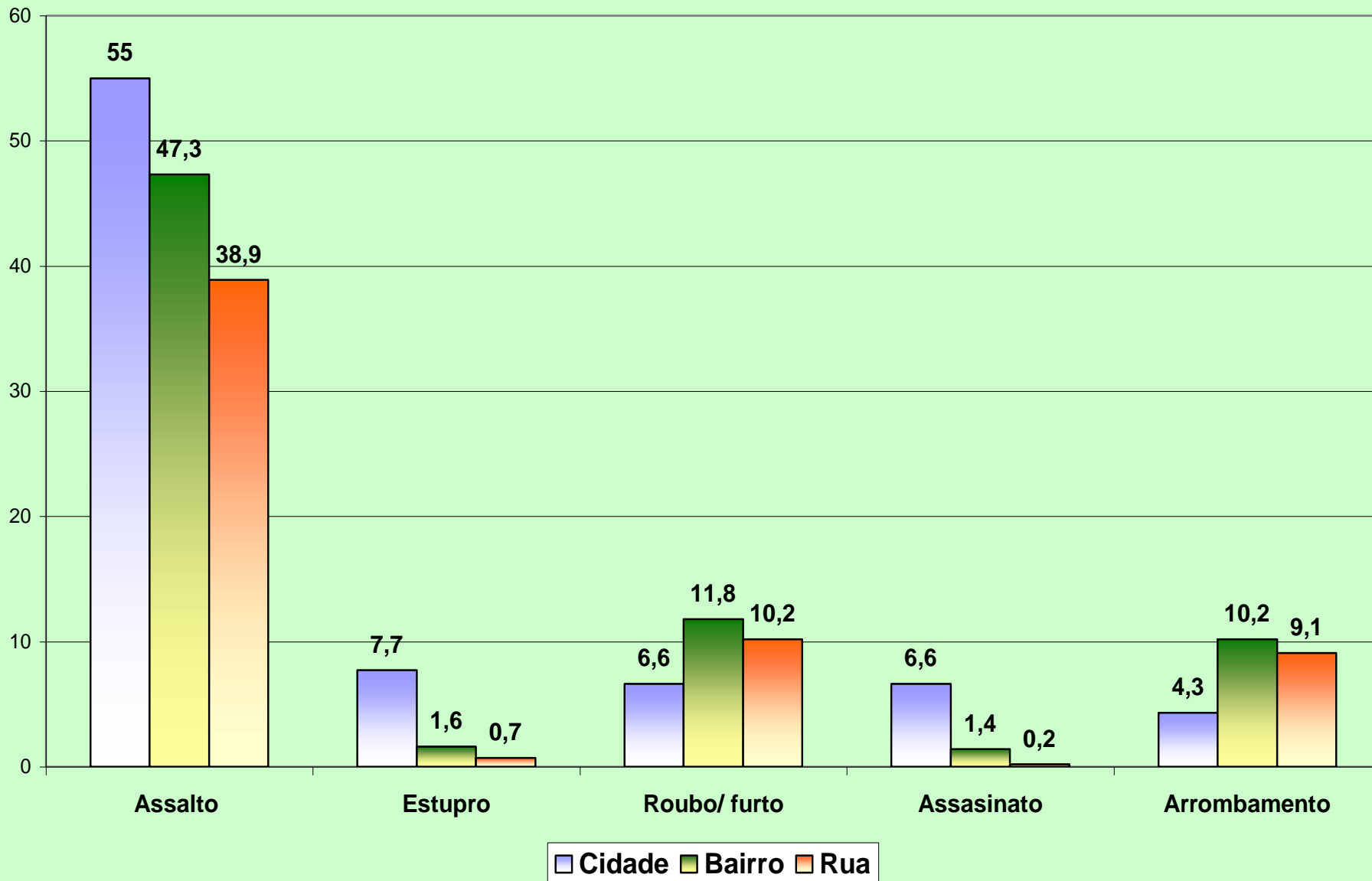
- a) nas ações e intercâmbios realizadas em torno do tráfico de drogas e de armas e,
- b) nas redes de escambo de mercadorias roubadas.

Por sua natureza lucrativa e, aparentemente, “menos criminosa” (por estar dizimada no senso comum) o “crime negócio” incentiva o interesse de “pais de família” e favorece a corrupção e/ou envolvimento de membros de corporações policiais e/ou militares.

O “crime negócio” alimenta os aspectos compulsivos da repetição dos atos criminosos. Seja, em função do consumo orgiástico (o que se ganha fácil sai fácil) ou pela guerra/ disputa comercial de gangues/grupos rivais.

Se de um lado o “crime negócio” “movimenta”, direta ou indiretamente, a maior parte das estatísticas de criminalidade, por outro lado estes delitos não encontram-se na lista de principais temores da população.

Os tipos de violência que a população de Pelotas mais teme em relação a cidade, ao bairro e a rua onde mora



A mão dupla da insegurança

- As pesquisas de opinião atestam a sensação de insegurança em todos os setores da sociedade, com um temor coletivo em relação a criminalidade. A diferença reside no temor em relação ao tipo de crime, enquanto a população de classe média e alta temem por danos materiais a população de classe baixa e pobre temem mais por atentados contra a vida.
- Os dados indicam que os temores em relação a atentados contra vida são maiores ao passo que o indivíduo se afasta de sua residência e o processo inverso ocorre com relação a danos materiais.
- Quanto maior o grau de urbanização e, paralelamente, quanto maior o poder aquisitivo maior o sentimento de insegurança. Este sentimento é alimentado por um clima de medo irracional e de paranóia pela busca de mecanismos de segurança (grades, alarmes, filmagem, vigia..) que acabam exacerbando os conflitos.
- Sob o argumento da proteção a população segue o caminho do individualismo (isolamento dos indivíduos) em detrimento do sentido de comunidade, favorecendo o esfacelamento do tecido social e contribuindo por aumentar a violência por meio da privatização da segurança

Índice de sensação de insegurança

Este índice mede a sensação de insegurança tendo em vista a região geográfica em que o entrevistado mora.

São cinco regiões (casa, rua, ruas próximas, bairro e a cidade) e a bateria de perguntas é ordenada do primeiro ao quinto item partindo do mais familiar para o menos familiar.

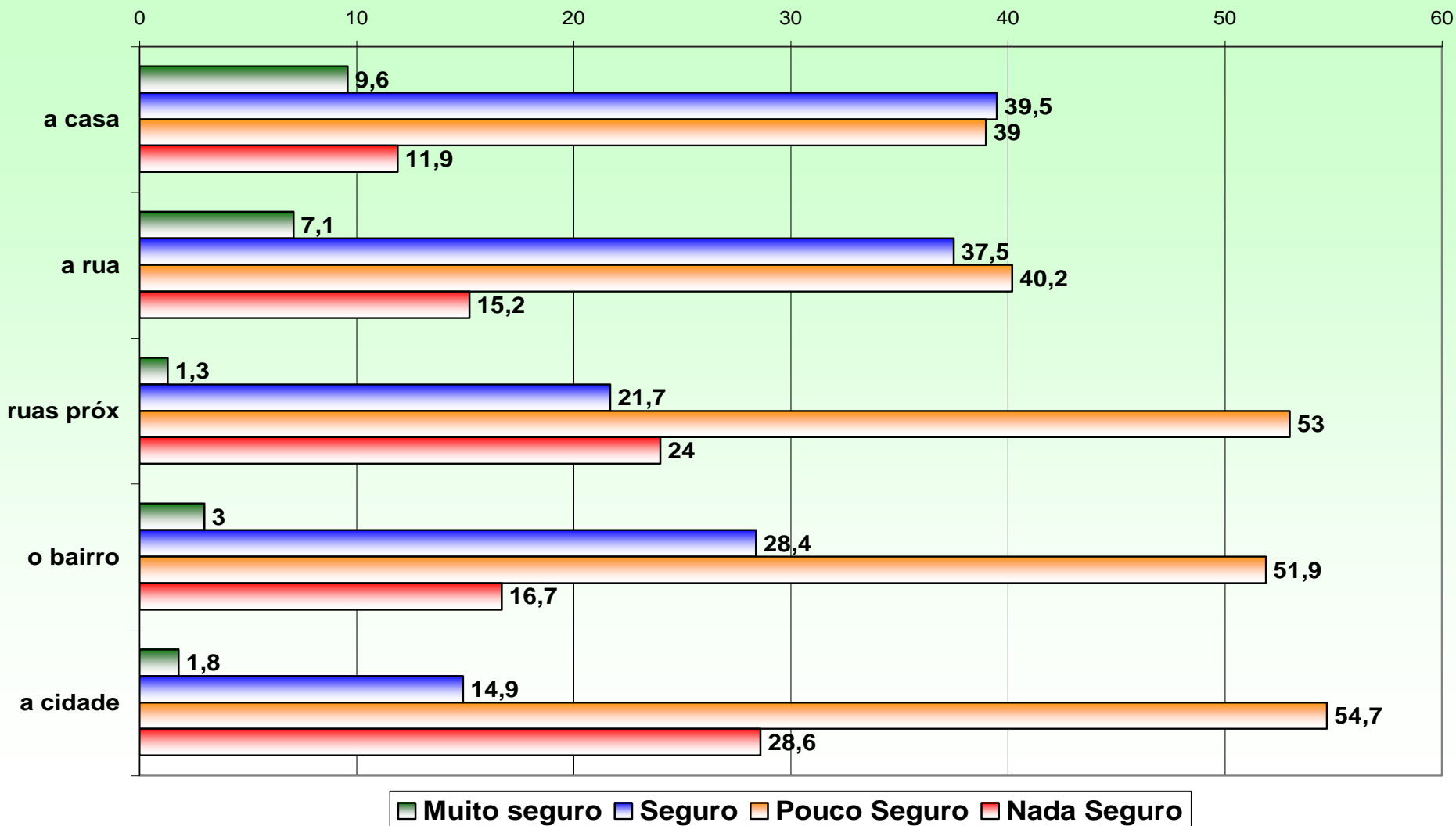
Este índice capta o impacto da familiaridade com o local na sensação de insegurança. O mais inseguro pontuará 20 e o mais seguro pontuará um índice de 5 pontos.

Maior sentimento de segurança = 5 a 9 pontos

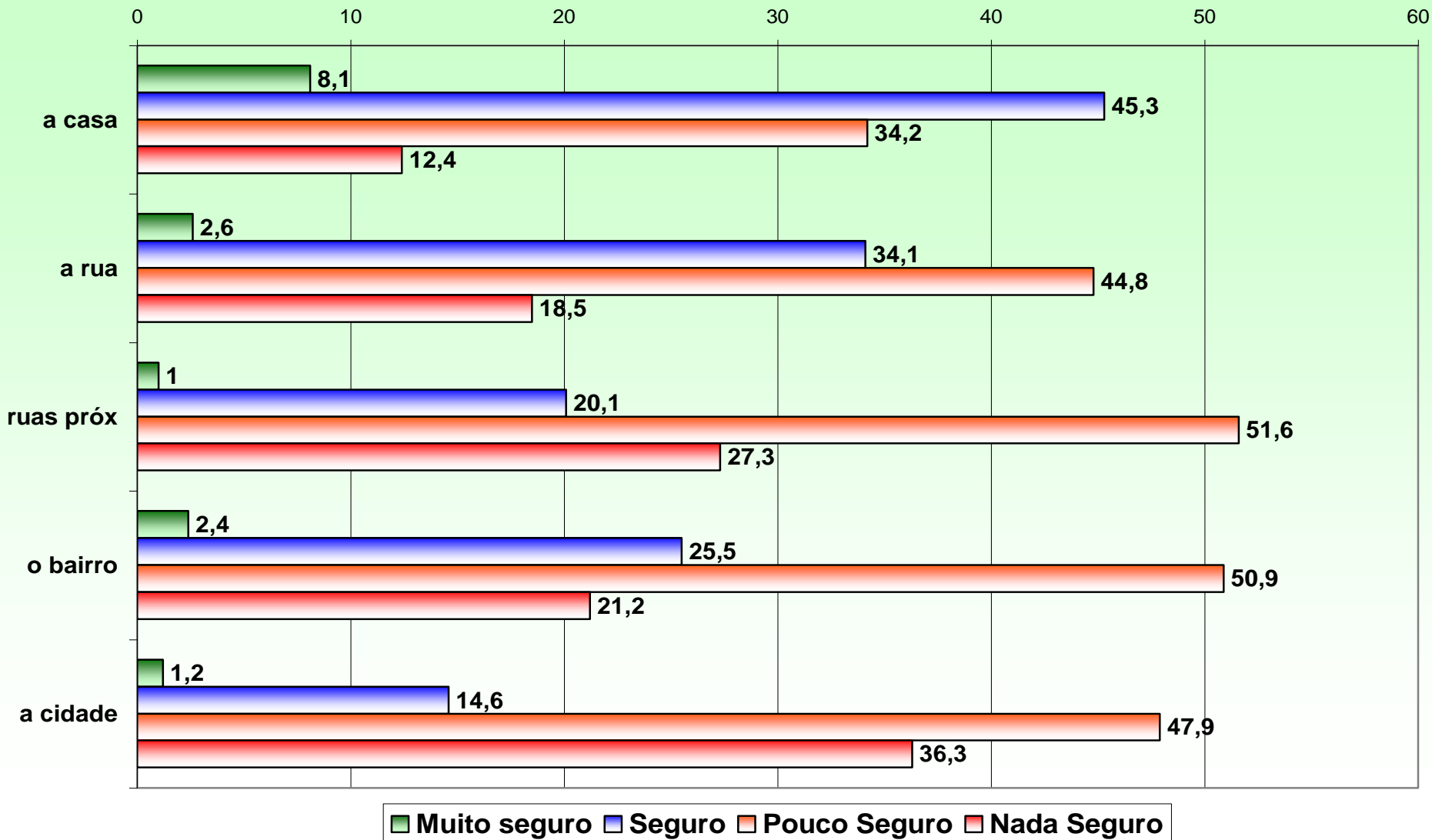
Sentimento mediano de segurança = de 10 a 14 pontos

Maior sentimento de insegurança = a partir de 15 pontos

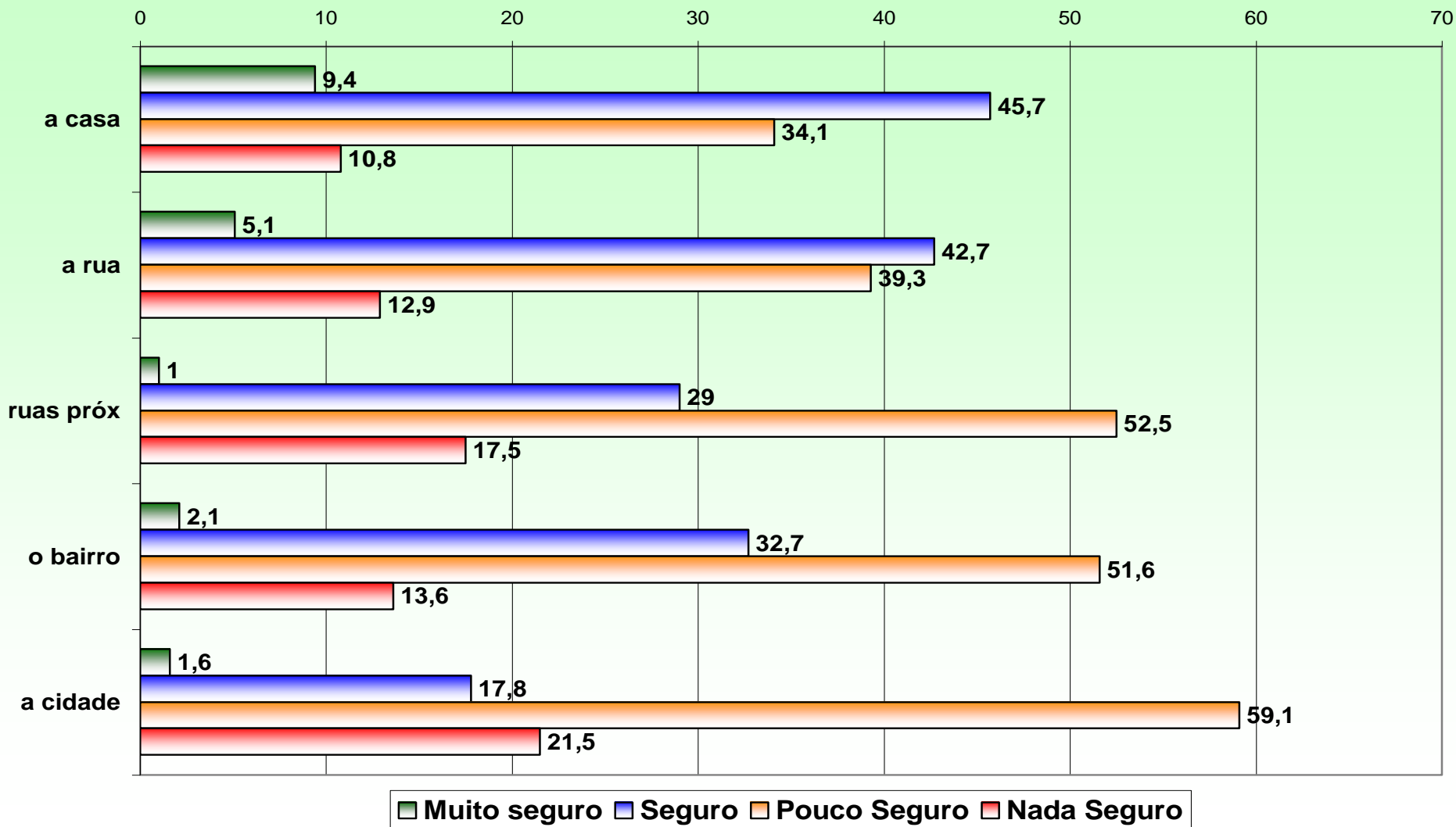
Grau de sensação de insegurança da população de **Pelotas** com base na familiaridade dos entrevistados em relação aos diversos locais que fazem parte do seu dia-a-dia (%) maio /03



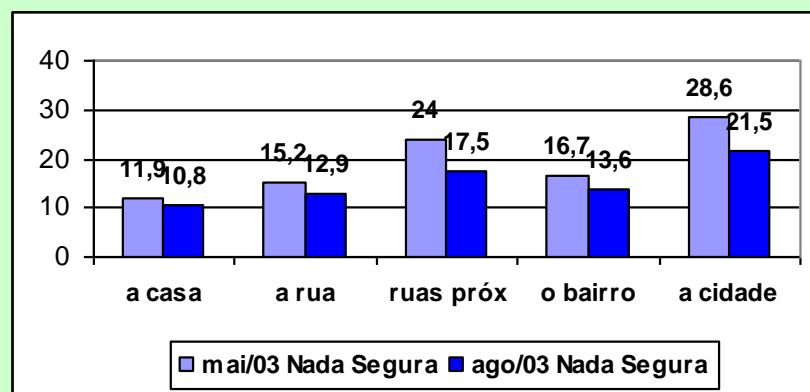
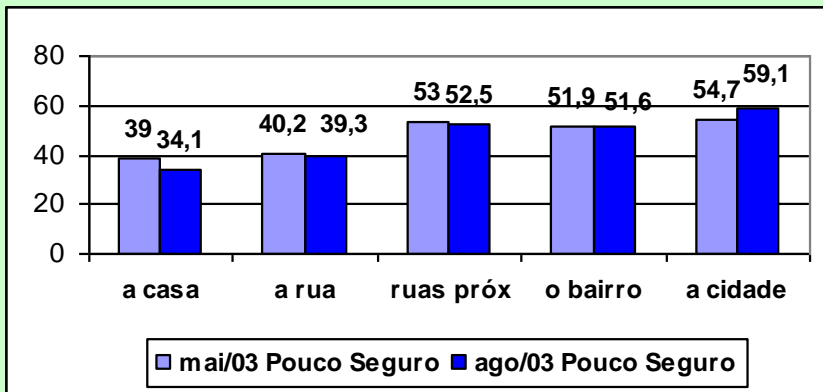
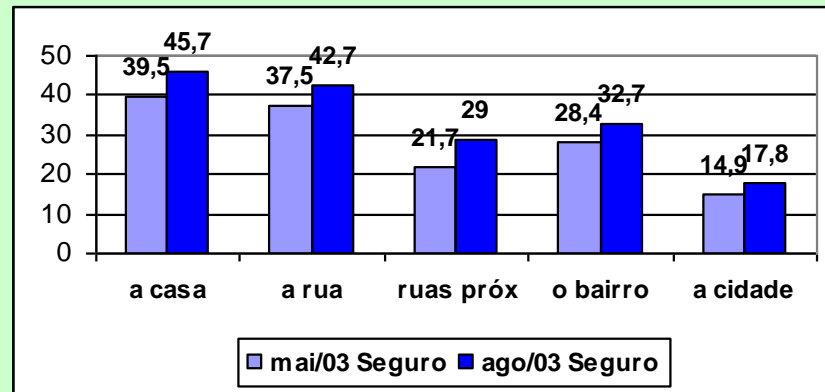
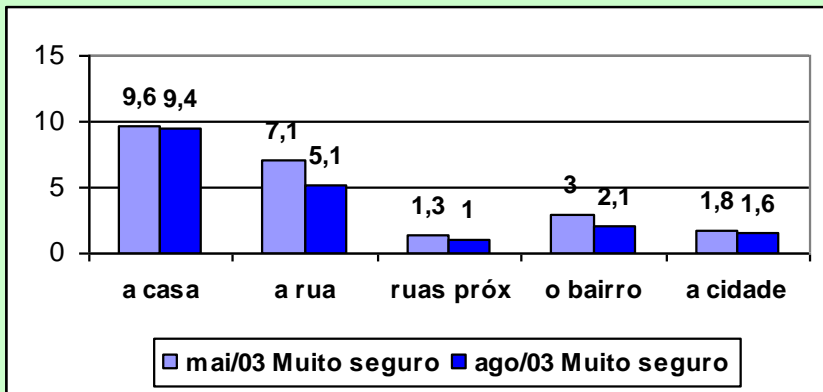
Grau de sensação de insegurança da população de **Pelotas** com base na familiaridade dos entrevistados em relação aos diversos locais que fazem parte do seu dia-a-dia (%) agosto /03



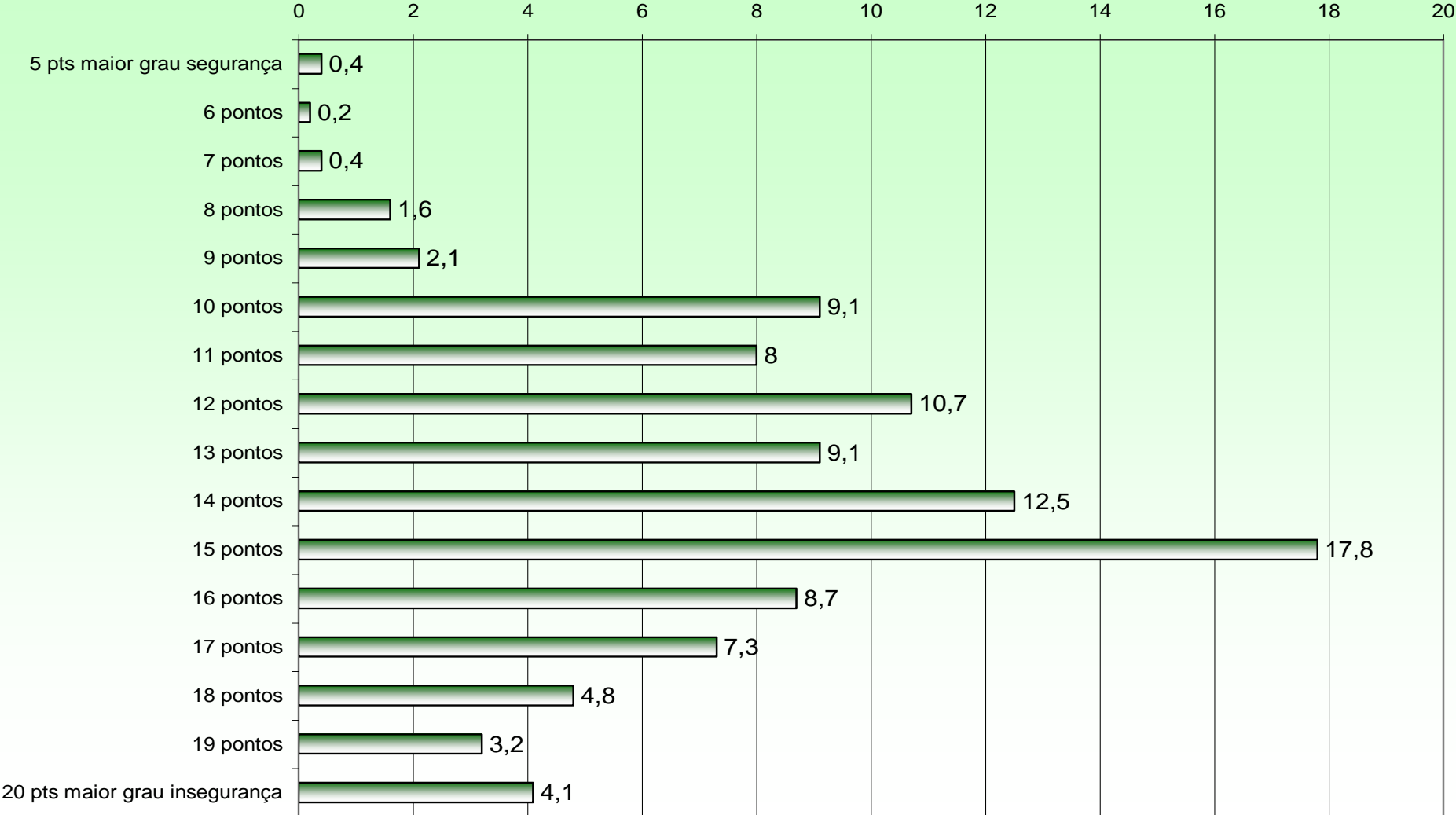
Grau de sensação de insegurança da população de **Rio Grande** com base na familiaridade dos entrevistados em relação aos diversos locais que fazem parte do seu dia-a-dia (%) agosto /03



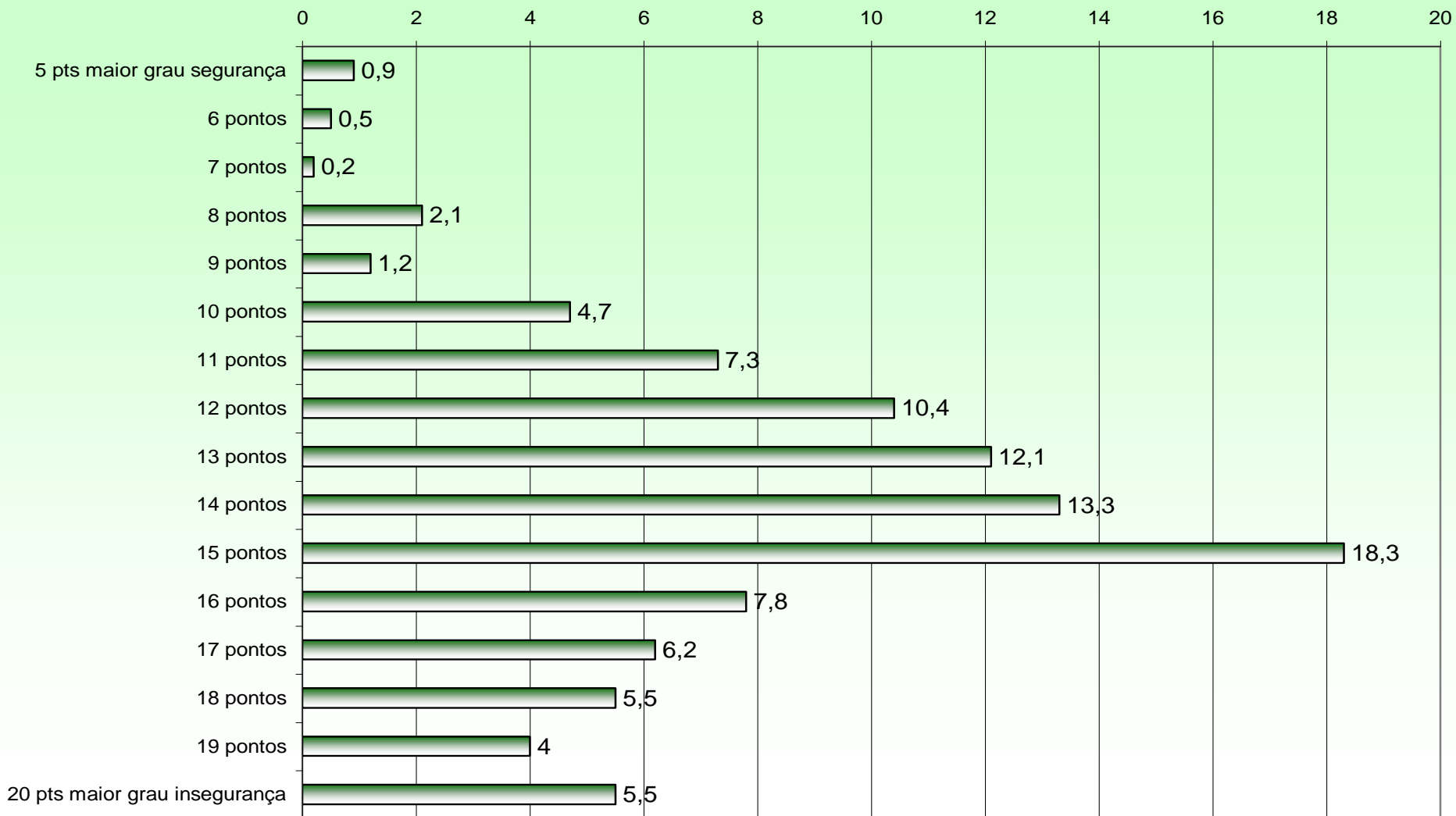
Análise comparativa do sentimento de (in)segurança da população eleitora das cidades de Pelotas e Rio Grande – RS, por localidade



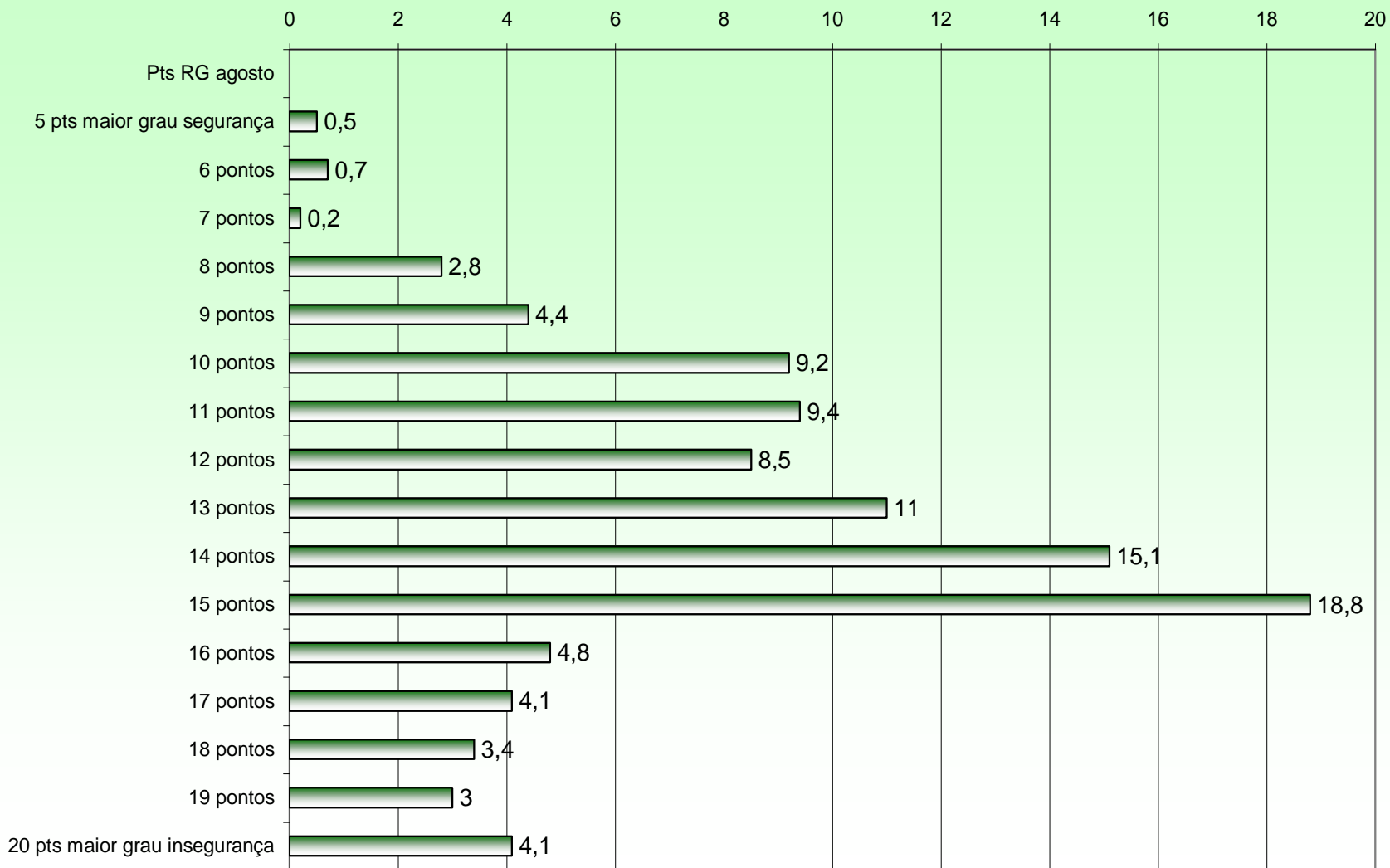
Pontuação do grau de sensação de insegurança da população da cidade de Pelotas em maio /03 (%)



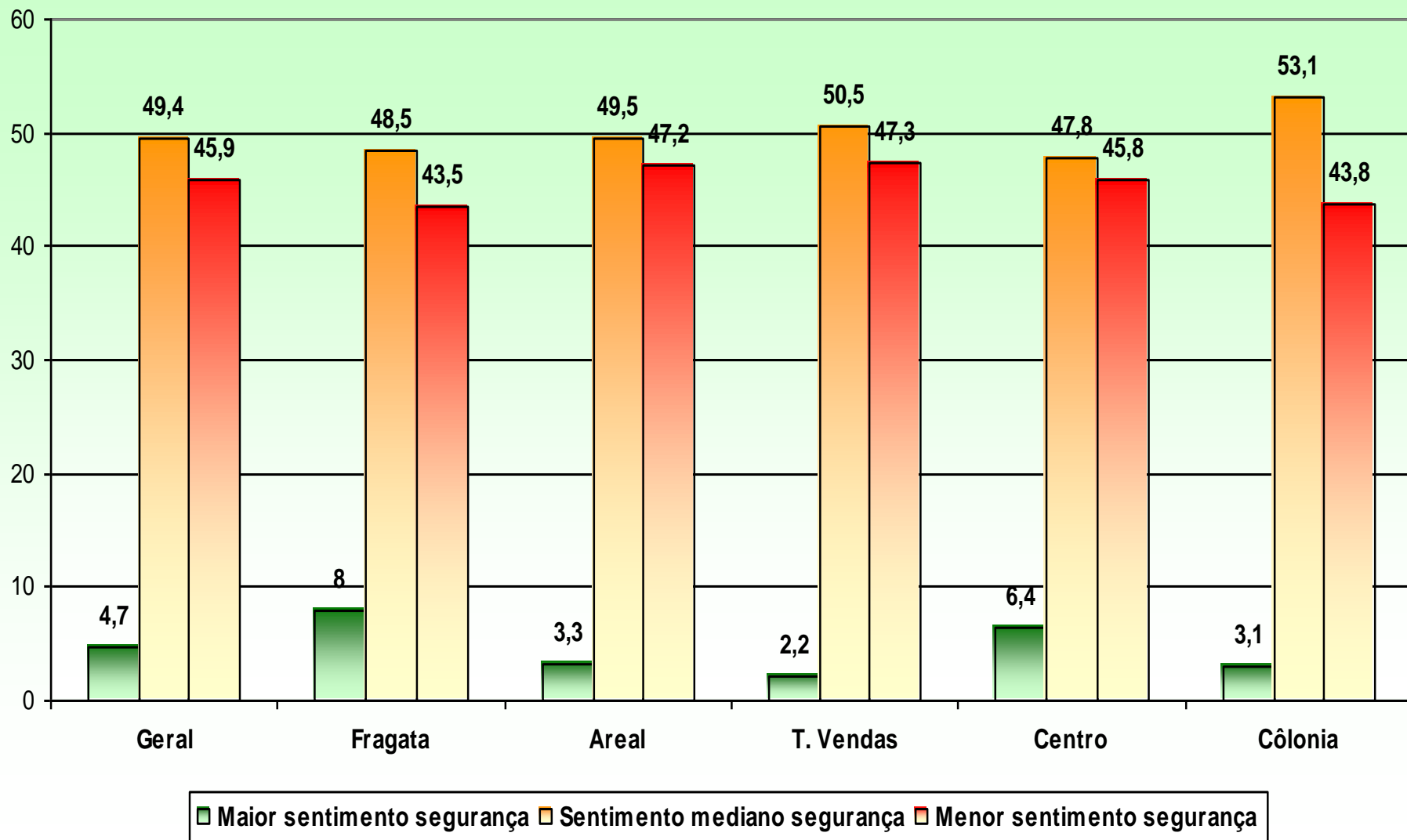
Pontuação do grau de sensação de insegurança da população da cidade de **Pelotas** em **agosto** /03 (%)



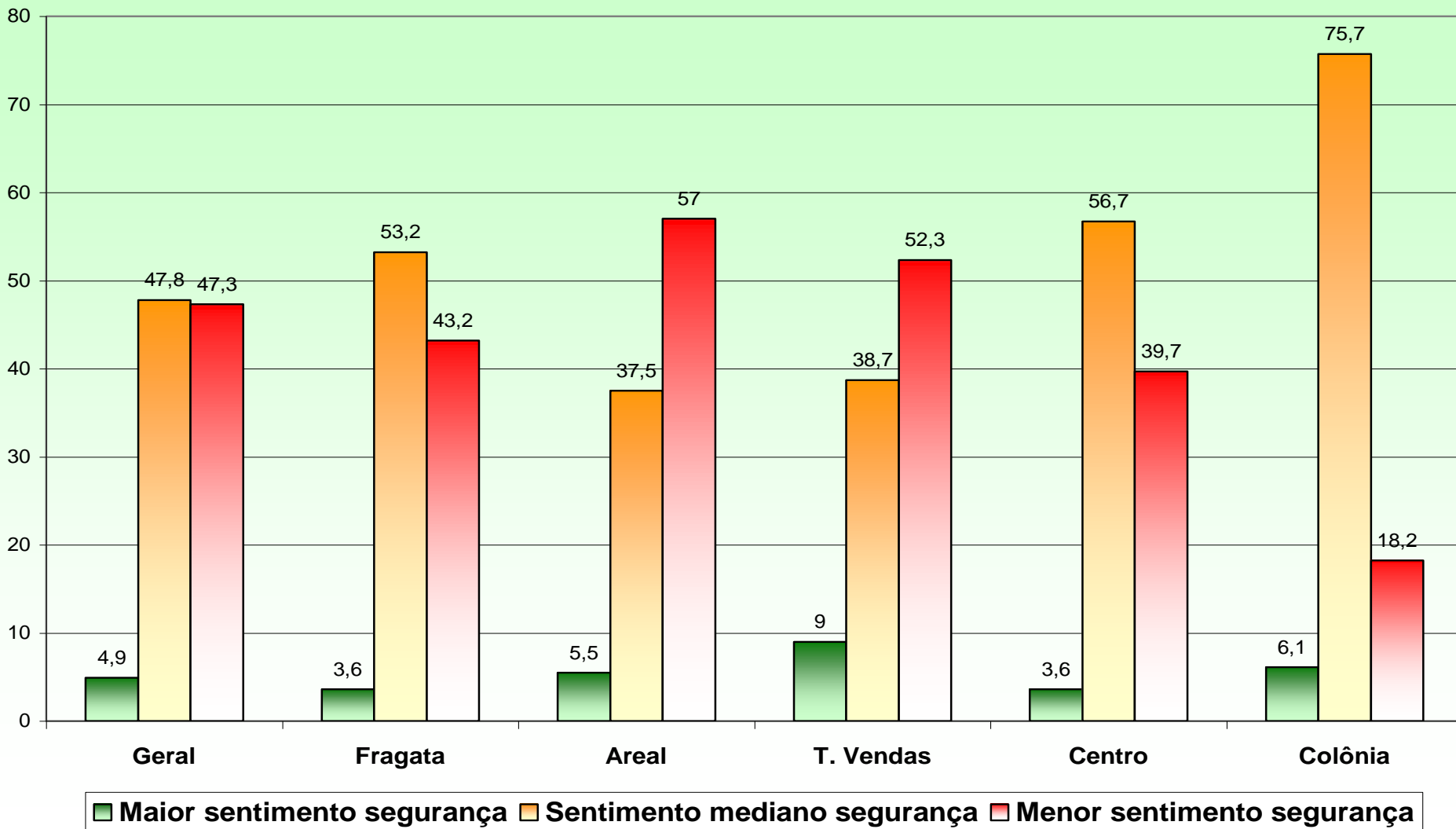
Pontuação do grau de sensação de insegurança da população da cidade de **Rio Grande** em **agosto /03** (%)



Grau de insegurança geral da população de Pelotas no mês de maio, análise por bairros



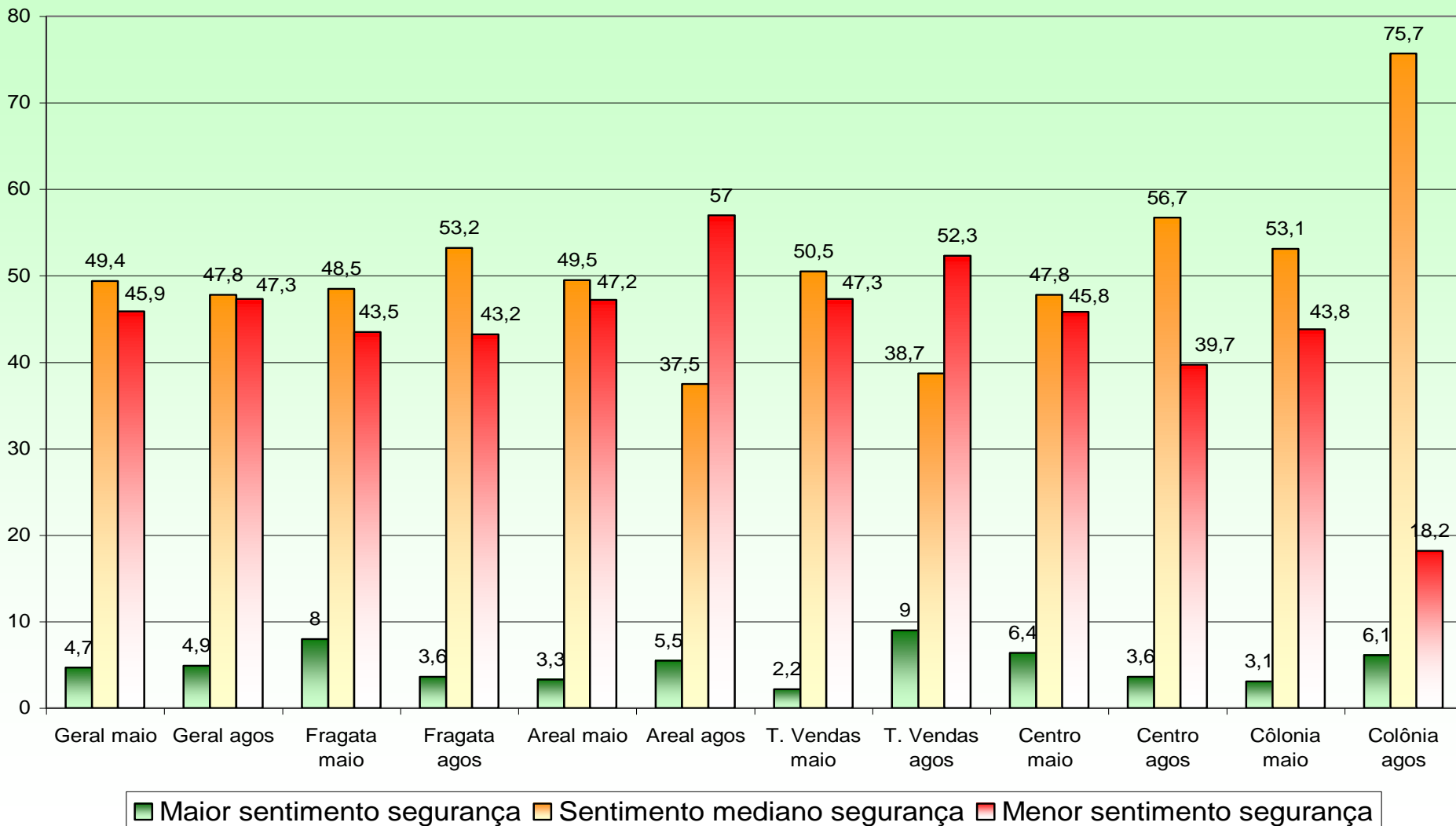
Grau de insegurança geral da população de Pelotas no mês de agosto, análise por bairros



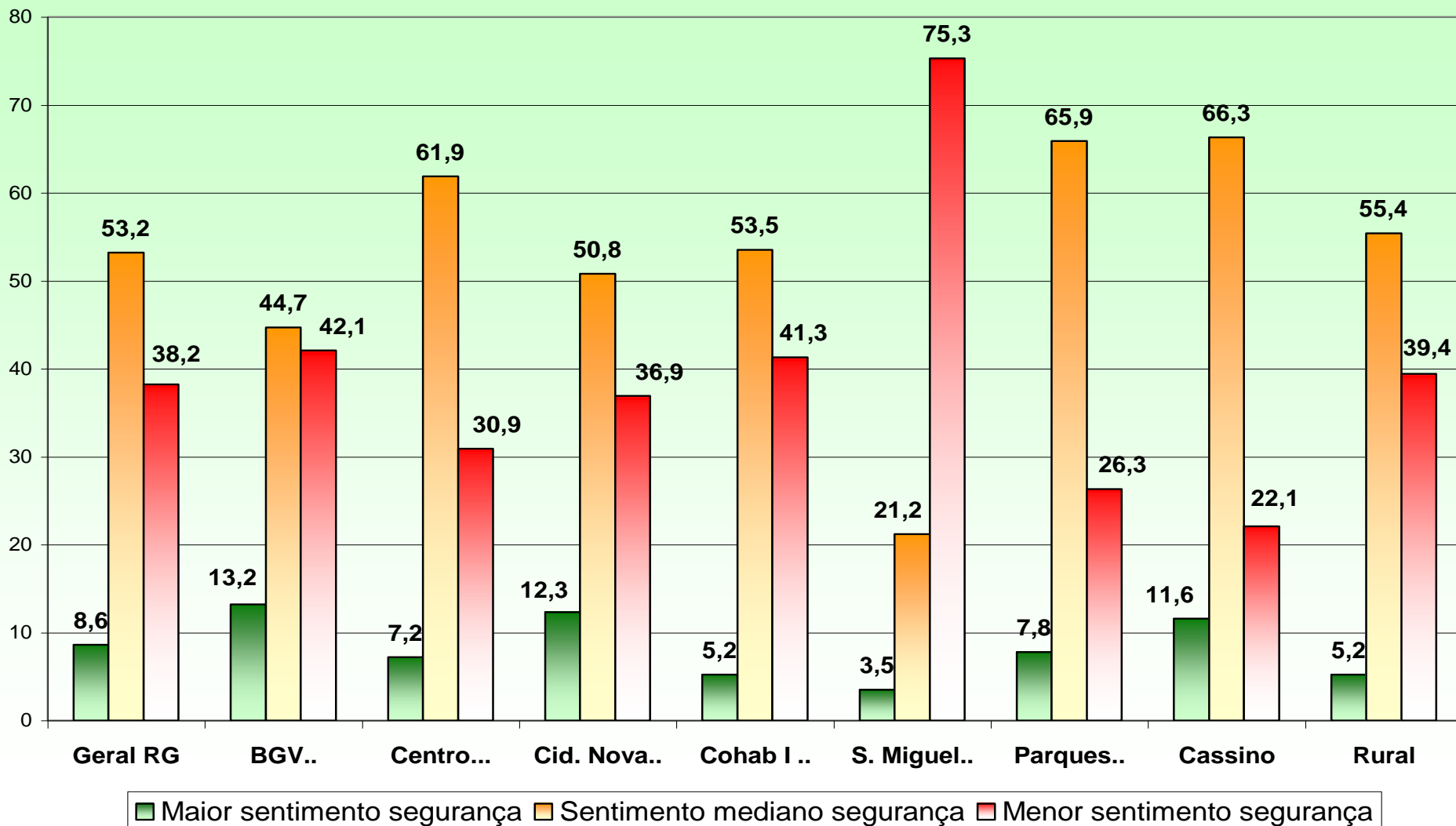
Sentimento insegurança comparativo em Pelotas nos meses de maio e agosto de 2003

- Os dados indicam em maio uma distribuição equânime entre o sentimento mediano e negativo em todos os bairros de Pelotas. Os dados de agosto demonstram um crescimento da percepção negativa, em especial, nos bairros Areal e Três Vendas.
- Com base nos dados de Pelotas e Rio Grande pode-se observar que o sentimento de insegurança é sempre maior nos bairros que apresentam um maior contingente de população carente.

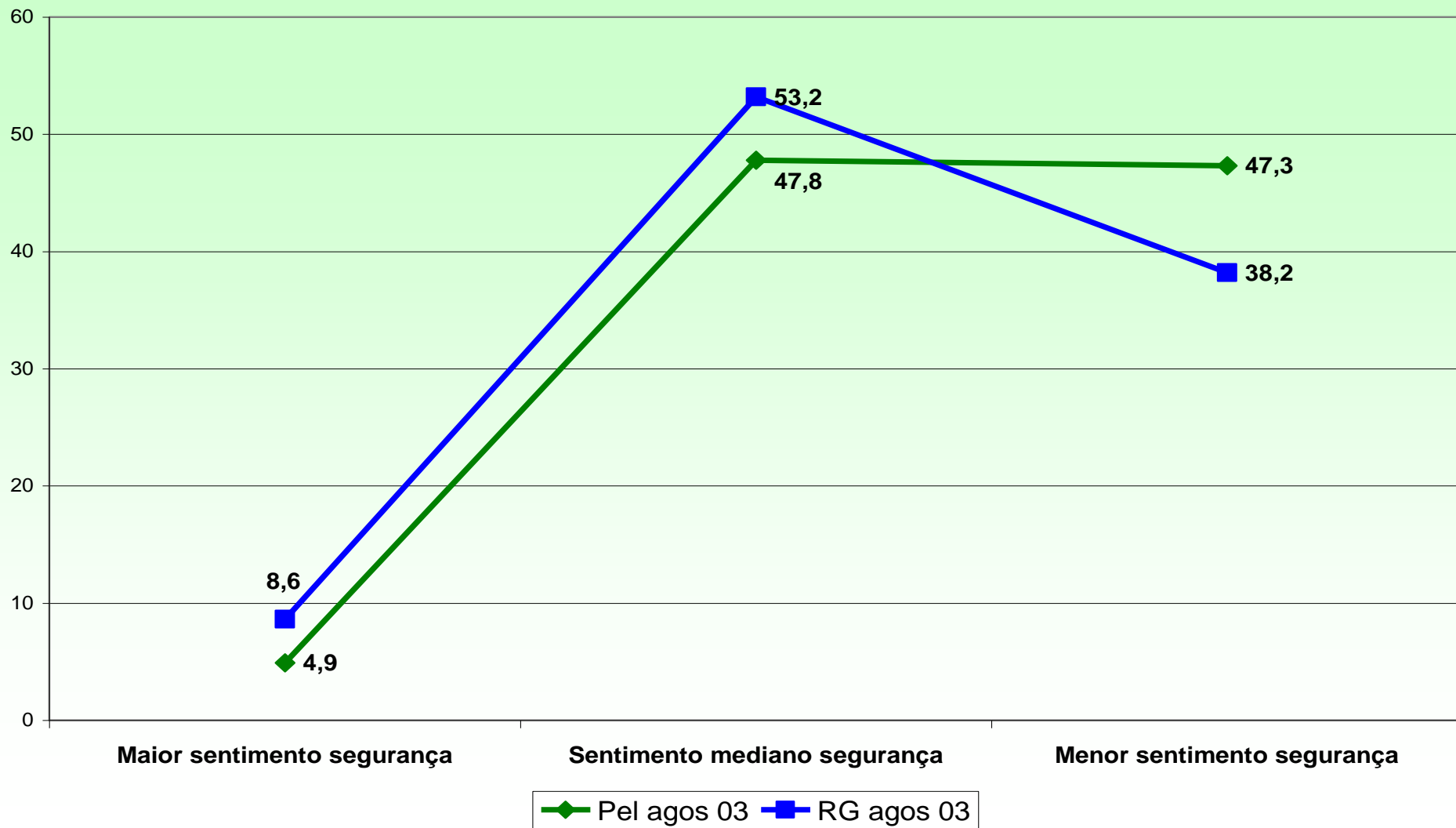
Grau de insegurança comparativo da população de Pelotas dos meses de maio e agosto, análise por bairros



Grau de insegurança geral da população de **Rio Grande** no mês de **agosto**, análise por bairros



Análise comparativa do sentimento de segurança das cidades de Pelotas e Rio Grande - RS



Repressão X prevenção

- As reações das autoridades em relação ao aumento da violência tendem a procurar aumentar as escalas punitivas (da repressão) e tendem menos à formulação de um elenco de políticas sistemáticas de prevenção.
- Estas políticas poderiam ampliar a eficiência do aparelho policial na prevenção e detecção de atores criminosos, tornando mais rápida e eqüitativa a decisão judiciária, diminuindo o coeficiente de reincidência e reduzindo a taxa de criminalidade, garantindo, assim, a segurança pública nas cidades.

O Policiamento Comunitário

- O policiamento preventivo comunitário baseia-se na prevenção de pequenos delitos, na mediação de conflitos e na regulação da convivência no espaço público, ou seja, uma nova versão consensual e coletiva da ordem.
- Neste contexto o policial é um “organizador” (na prevenção de distúrbios, na negociação do conflitos e no processo de “conhecimento” da vida cotidiana da população) e o sucesso depende do grau de adesão/ participação da comunidade. As principais tarefas do policial comunitário concentram-se:
 - na construção de laços de confiança (visando o aumento da legitimidade policial e a diminuição da legitimidade do chefes do crime).
 - na obtenção, progressiva e longitudinal, de informações a respeito do cotidiano da população local, identificando *quem é quem*.
 - na implementação de estratégias preventivas em espaços residenciais e/ou comerciais da localidade;
 - no trabalho educativo e informativo que visa ensinar técnicas de segurança e alertar para as situações maximizadoras de riscos;
 - na conscientização da comunidade acerca dos limites legais e operacionais da atuação policial, reduzir medos genéricos e exagerados e assim por diante...

O principal público de interlocução

- Professores, diretores de escola e representantes de círculos de pais e mestres...
- Padres, pastores e outros membros de congregações religiosas...
- Jornaleiros, pipoqueiros, proprietários de bares, armazéns, mini-mercados....
- Associação de moradores, clube de mães, representantes políticos...

Características necessárias

- As principais características do policiamento comunitário centram-se na capacidade de observação e compilamento das informações a fim de compreender a rede de relações da comunidade e na adaptabilidade do policial às demandas de resolução dos principais problemas da comunidade.
- O principal entrave concentra-se na inexperiência e na fraca capacidade dos policiais para lidar com outras lógicas organizativas que não as tradicionais do quartel.

A autonomia do policial comunitário

- O modelo de patrulha comunitária pressupõe um grau elevado de autonomia do policial de ponta: deixando de ser um mero “cumpridor de ordens”, este passa a exercer, sob supervisão, as tarefas de identificar e analisar problemas, organizar a comunidade, planejar e implementar soluções.
- Um maior grau de autonomia é necessária para:
 - a) Possibilitar o trabalho interativo dos policiais junto à comunidade;
 - b) Modernizar a cultura institucional , diminuindo as causas de ineficiência da rigidez regimental e da excessiva centralização.

O suporte operacional do policiamento comunitário

- As principais necessidades organizativas e administrativas no interior da PM a fim de garantir o sucesso do policiamento comunitário são:
 - Logística e planejamento;
 - Articulação/ comunicação entre companhias no interior do batalhão;
 - Eficiência dos serviços internos responsáveis por esta articulação;
 - Estrutura de levantamento, distribuição e processamento de informações;
 - Escalas de trabalho sincronizadas;
 - Fluidez na relação hierárquica-burocrática;
 - Investimentos na qualificação e reciclagem dos policiais de ponta;
 - Critérios de avaliação de desempenho.

O desafio do “novo”

- Desenvolver um policiamento comunitário é justamente provocar a melhoria dos serviços policiais, facilitando assim, sua modernização. Ao se introduzir na velha estrutura um segmento polivalente e interativo movimenta-se, em certa medida, todo o esquema institucional:
 - testa a capacidade de respostas de outros segmentos e das divisões internas;
 - incorpora-se novas fontes e tipos de informações a serem processadas e distribuídas;
 - exigem-se outros critérios de avaliação;
 - flexibilizam-se os mecanismos de controle;
 - abre-se o interior da corporação a olhares externos (de representantes da comunidade, movimentos sociais, imprensa...).

Site: www.ipo.inf.br

